

ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA AFRODESCENDENTE: OFICINAS COM A COLEÇÃO “NEGROS E NEGRAS INCRÍVEIS”

DOI: 10.5935/2177-6644.20190006

TEACHING HISTORY AND
AFRODESCENDANT HISTORY:
WORKSHOPS WITH THE
COLLECTION "INCREDIBLE
BLACKS MENS AND BLACKS
WOMANS"

ENSEÑANZA DE HISTORIA E
HISTORIA AFRODESCENDIENTE:
TALLERES CON LA COLECCIÓN
"NEGROS Y NEGRAS INCREÍBLES"

Danilo Ferreira da Fonseca *

Jaqueline Kotlinski **

Resumo: O presente artigo busca construir uma reflexão que envolve a utilização da coleção de imagens “Negros e negras incríveis” feitas pelo desenhista do Yorhán Araújo. Tais imagens fazem parte do acervo do Arquivo Digital do Núcleo de Estudos-Étnico Raciais (AD-NEER), e foram utilizados em três oficinas construídas a partir do EAEX no Colégio Estadual João XXIII, realizados pela equipe do projeto de extensão “Aylan: tensões étnico-raciais no tempo presente”. A oficina tinha como objetivo proporcionar uma reflexão por parte dos estudantes acerca de sujeitos históricos afrodescendentes trazendo aos mesmos uma maior visibilidade.

Palavras-chave: Ensino de História. Racismo. “Negros e negras incríveis”. Yorhán Araújo.

Abstract: The present article seeks to construct a reflection that involves the use of the collection of images "Incredibles Black Mans and Black Womans" made by the designer of Yorhán Araújo. These images are part of the collection of the Digital Archive of the Nucleus of Ethnic Racial Studies (AD-NEER), and were used in three workshops built from EAEX at the John XXIII State College and carried out by the extension project team "Aylan: tensions ethnic-racial at the present tim ". The workshop aimed to provide a reflection on the part of the students about Afro-descendent historical subjects bringing them to greater visibility.

Keywords: History Teaching. Racism. “Incredibles Black Mans and Black Womans”. Yorhán Araújo.

Resumen: El presente artículo busca construir una reflexión que involucra la utilización de la colección de imágenes "Negros y negras increíbles" hechas por el dibujante del Yorhán Araújo. En el marco de la reforma agraria y de la reforma agronómica, se ha producido un proceso de integración de las relaciones entre la sociedad civil y la sociedad civil. étnico-raciales en el tiempo presente ". El taller tenía como objetivo proporcionar una reflexión por parte de los estudiantes acerca de sujetos históricos afrodescendientes trayendo a los mismos una mayor visibilidad.

Palabras Clave: Enseñanza de Historia. Racismo. "Negros y negras increíbles". Yorhán Araújo.

* Docente do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, campus de Irati/Paraná. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Coordenador do Projeto de Extensão AD-NEER. E-mail: daniloffonseca@gmail.com

** Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, campus de Irati/Paraná. Estagiária do Projeto de Extensão AD-NEER. E-mail: jaquekotlinski2015@gmail.com

Considerações iniciais

O Núcleo de Estudos Étnico-raciais (NEER), do departamento de História de Irati da Unicentro, buscou construir uma reflexão acerca da representatividade negra na história a partir de oficinas realizadas no XI Encontro Anual de Extensão Universitária (EAEX) de 2018. Tais oficinas foram realizadas no dia 24 de outubro de 2018 no período da manhã e tarde no Colégio Estadual João XXIII em um oitavo ano e dois sétimos anos do ensino fundamental. Tal proposta foi construída com a experiência extensionista de dois projetos de extensão vinculados ao NEER, no caso o “Projeto Aylan: tensões étnico-raciais no tempo presente”¹ e o “AD-NEER: Arquivo Digital do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais”.²

As oficinas realizadas nas escolas ocorreram com a proposta de aproximar a Universidade da comunidade local, promovendo assim a troca de saberes e a própria função extensionista de uma universidade. No caso específico da oficina aqui em questão, intitulada “Um diálogo sobre representatividade a partir da Exposição Negros e Negras Incríveis”, buscou-se abordar, de maneira diferenciada, questões étnico-raciais que, muitas vezes, são tratadas de maneira secundária e/ou estereotipada em sala de aula. Assim, visamos tratar o tema com a devida cientificidade baseada em discussões historiográficas e nas metodologias de ensino que propõe aulas oficinas como maneira de abordar diferentes temas de modo mais interativo.

¹ O "Projeto Aylan: Observatório de Relações Étnico Raciais no mundo contemporâneo", visa analisar processos históricos relevantes em curso, a partir das reflexões que envolvem a “História do Tempo Presente” e a “História Imediata”. Consiste na produção de materiais para serem divulgados em mural e em meio virtual. Os murais serão expostos no campus da Unicentro de Irati, colocando em destaque análises que problematizem os eventos do mundo contemporâneo que estão diretamente correlacionados com questões Étnico raciais, tais como: racismo no mundo contemporâneo, crise migratório, xenofobia, islamofobia, crises sociais, econômicas e políticas, manifestações culturais, dentre outros. Além disso, o projeto visa o amadurecimento teórico da equipe envolvida com relação às questões Étnico raciais e a história. Depois de elaborado um mural a ser exposto, diferentes materiais (vídeos, textos, entre outros) serão divulgados via internet, a equipe responsável pelos murais fará palestras em escolas da região sobre as temáticas desenvolvidas, com o intuito de aproximar a universidade da comunidade local.

² O projeto de extensão "Arquivo Digital do Núcleo de Estudos Étnico Raciais" (AD-NEER) é um projeto que surge com o intuito de ampliar ainda mais na Unicentro as pesquisas e as reflexões que envolvem as questões étnico raciais tanto no âmbito local como global. Desta forma, pretende-se gerar um arquivo digital que sirva de base para atuais reflexões e também futuras, de modo a centralizar materiais que comumente são dispersos e dando a oportunidade de uma frente de pesquisa mais próxima dos docentes e discentes do departamento de história e de outros departamentos da Unicentro. O projeto do AD-NEER também busca se configurar como um espaço de memória do Núcleo de Estudos Étnico Raciais, catalogando atividades e digitalizando materiais elaborados pelo próprio Núcleo.

Destaca-se ainda a importância do debate no contexto atual, onde o tema emerge de forma significativa, sendo indispensável, ainda mais quando a representatividade afro-brasileira e de outras minorias sociais é posta em cheque pelos setores mais conservadores da sociedade brasileira, aumentando assim os ataques e a marginalização de grupos em situação mais fragilizada.

Nesse sentido, a proposta da oficina está diretamente alinhada com os pressupostos da Lei 10.639 de 2003, que nos últimos anos mudou significativamente a maneira de se ensinar a história dos africanos e afrodescendentes, dando-lhes um maior espaço em currículos, materiais didáticos e prática de ensino-aprendizagens em todos os níveis educacionais. “As proposições da Lei 10.639 exigem revisões não apenas das interpretações da trajetória histórica dos negros africanos e afro-brasileiros, até então representada pela via quase exclusiva da desigualdade e intolerância, geradora de inversões do significado de ser negro no Brasil mas das práticas de ensino [...]” (CAMPOS, 2004, p. 41).

Desta forma, histórias que passaram anos silenciadas e tratadas como sendo de uma menor importância, ou até como uma história coadjuvante, passaram a ter um destaque maior, dando voz a sujeitos históricos africanos e afro-brasileiros que até então possuíam a sua história negada nos diferentes níveis de ensino e pesquisa na área de História no Brasil.

Nesse sentido, as gravuras de “Negros e Negras Incríveis” possibilitam uma reflexão mais apurada sobre sujeitos históricos que se tornam invisíveis, ou ainda, que possuem a cor de sua pele negada.

O Lugar do negro na história ensinada: entre o branqueamento e a lei 10.639/2003

O ensino da história do Brasil foi em sua trajetória muitas vezes marcado por um etnocentrismo excessivo que valoriza a história a partir de um viés eurocentrado, de modo que os acontecimentos históricos europeus, seus sujeitos históricos e suas experiências frente ao fazer da história, se tornaram referências paradigmáticas não só para o estudo da história, mas também para o ensino em todos os níveis. Os caminhos traçados pelo homem europeu (principalmente a figura masculina) são entendidos como mais importantes e definidores de uma suposta história mundial, em que o protagonismo estaria na Europa e os outros milhões de homens e mulheres da periferia global seriam apenas coadjuvantes passivos da empreitada civilizatória dos europeus.

Tal visão é, segundo o intelectual egípcio Samir Amin (1994), ideologicamente condicionada na medida que se torna fundante na estruturação do mundo contemporâneo, delimitando zonas de referência e atuação não só no tempo presente, mas também no passado e no futuro.

Um elemento central na construção do eurocentrismo está na crença da excepcionalidade do homem europeu e da sociedade ocidental. Tal excepcionalidade seria sustentada por três eixos principais: a economia, a cultura e a religião. No que tange a economia, o advento do capitalismo no território europeu faria com que ocorresse o entendimento de que a história europeia seria excepcional devido à forma que a sua economia se desenvolveu, sendo superior à outras formas e modos de produção. Já no que se refere a questões culturais e religiosas, a formação judaico-cristã e a cultura ocidental são postas como superiores e mais civilizadas diante de outras culturas. Também não podemos deixar de apontar a crença de uma suposta superioridade biológica por parte do homem europeu, que se autoproclamou como a raça mais evoluída da humanidade, o que se tornou fundamental na construção do racismo contemporâneo, tendo em vista que os homens não europeus, em especial o negro africano e afrodescendente foram classificados como um homem inferior. No entanto, a falta de respaldo científico em tal visão, além da violência cometida em seu nome, fez com que o racismo justificado em pretensões biológicas fosse retraído frente à um racismo cultural. Segundo desenvolve Essed (1991, p 174), citado por (ROSEMBERG, F. BAZILLI C. e SILVA P. (2003, p. 128):

Racismo é uma ideologia, uma estrutura e um processo pelo qual grupos específicos, com base em características biológicas e culturais verdadeiras ou atribuídas, são percebidos como uma raça ou grupo étnico inerentemente diferente e inferior. Tais diferenças são, em seguida, utilizadas como fundamentos lógicos para excluírem os membros desses grupos do acesso a recursos materiais e não materiais. Com efeito, o racismo sempre envolve conflito de grupos a respeito de recursos culturais e materiais. E opera por meio de regras, práticas e percepções individuais, mas, por definição, não é uma característica de indivíduos. (...) Na ideologia dominante, em geral não se reconhece que o racismo seja um problema estrutural. (...) o termo racismo é reservado apenas a crenças e ações que apoiam abertamente a idéia de hierarquias de base genética ou biológica entre grupos de pessoas. O problema dessas definições restritas de racismo é que elas tendem a fazer vista grossa à natureza cambiante do racismo nas últimas décadas. O discurso do racismo está se tornando cada vez mais impregnado de noções que atribuem deficiências culturais a minorias étnicas. Essa culturalização do racismo constitui a substituição do determinismo biológico pelo cultural.

Isto é, um conjunto de diferenças étnicas reais ou atribuídas, representando a cultura dominante como sendo a norma, e as outras culturas como diferentes, problemáticas e, geralmente, também atrasadas.

O livro didático, enquanto uma ferramenta fundamental o ensino de história no Brasil, passa a ser um espaço para refletirmos acerca do modo que este etnocentrismo e racismo opera e influencia a concepção de história gestada nas escolas brasileiras. Não se trata aqui, conforme trabalhado por Maria Nosella (1991), de uma mera indução ideológica manipulada pelo estado de uma suposta história oficial, mas sim das sutilezas etnocêntricas expressas em pequenos detalhes e iconografias que deixam transparecer até mesmo em obras críticas o quanto o ensino de história pode ter um caráter eurocentrado e racista. Mas tais “expressões de racismo em livros didáticos são mais que a ponta “do iceberg”, e constituem uma das formas de produção e sustentação do racismo cotidiano brasileiro” (ROSEMBERG, F. BAZILLI C. e SILVA P, 2003, p. 129).

Um bom exemplo desse racismo é a concepção que uma parte bastante significativa dos livros didáticos possuem acerca do “início da história”, em que é comum numerar supostos fatos que teriam sido fundantes do se fazer histórico da humanidade. Dentre estes fatos, junto da agricultura, é bastante presente a indicação da escrita, em que a história só romperia com a pré-história a partir do momento que o homem fosse capaz de ler e escrever. Tal concepção, por mais simples que possa parecer, carrega um grosseiro etnocentrismo na medida em que desqualifica a história de centenas de povos que não possuíram escrita e nem por isso não tiveram história, como é o caso dos povos nativos americanos pré-colombianos e de grandes reinos africanos, os quais tiveram significativo desenvolvimento político, econômico e social. Ao mandar para a sarjeta da história tais sujeitos históricos africanos e indígenas nativos da América, a participação de seus descendentes também fica comprometidas e marginalizadas na história, como ocorre no Brasil quando se trata de indígenas e afrodescendentes.

A questão afrodescendente enfrentou (e ainda enfrenta) uma imensa desqualificação no ensino de História, principalmente no que tange uma visão ativa e altiva de tais sujeitos históricos. O que torna ainda mais difícil tal enfrentamento é o fato de que a história ensinada e difundida do Brasil possui muitas vezes um processo de branqueamento, em que os sujeitos históricos mais valorizados são os brancos, enquanto

que as ações e mobilizações dos sujeitos históricos afrodescendentes são marginalizadas ou ignoradas.

Um caso bastante emblemático nesta questão é o do escritor Machado de Assis, que é muitas vezes representado em livros didáticos como se fosse um indivíduo branco, enquanto que ele era negro. A representação daquele que é muitas vezes considerado como maior escritor brasileiro como um sujeito branco pode ser entendido como um caso literal do branqueamento da história brasileira. Nesse sentido, Machado de Assis não poderia deixar de ser uma inspiração para a obra “Negros e Negras Incríveis”, conforme podemos ver mais abaixo (Figura I).

Em um estudo aprofundado a partir da produção acadêmica que envolve o ensino, materiais didáticos e o racismo, as pesquisadoras Rosemberg, Bazilli e o pesquisador Silva (2003) apontam algumas características frequentes que são detectadas quando livros didáticos representam o negro. Segundo tal levantamento, é comum os livros didáticos apresentarem um maior destaque para personagens brancos, sendo estes mais frequentes e em posição de destaque, enquanto que o negro seria menos frequente, em posições periféricas da obra e comumente identificado por questões étnico-raciais, na medida em que o branco é identificado pelo seu nome, ofício ou família. A posição que o negro é representado em livros didáticos, também remete a posições humilhantes e de pobreza, com um número limitado de atividades, com suas crianças em condições negativas, e numa postura de coadjuvante da narrativa, e na atuação e autonomia política. (ROSEMBERG, F. BAZILLI C. e SILVA P, 2003, p. 134). Tal visão propagada pelo ensino no Brasil constantemente reafirma um lugar social limitado à população afrodescendente, não só no passado, mas também em nosso presente e futuro.

Figura I: Machado de Assis, coleção “Negros e Negras Incríveis” de Yorhán Araújo



Fonte: Arquivo Digital do Núcleo de Estudos-Étnico Raciais (AD-NEER).

Com o intuito de combater tais tendências sociais, que refletem no ensino e que permanecem também na medida em que é propagada nas escolas, foi criada a lei 10.639/03 que gesta a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis de ensino. Tal obrigatoriedade não se trata apenas de uma mera questão quantitativa do conteúdo ensinado, mas sim qualitativo, pois a lei também

gesta a necessidade de um ensino que torne o negro protagonista de sua própria história e que seja trabalhado de maneira ativa e ativa.

A oficina como proposta metodológica para o ensino de história

No ensino da história ainda se mantem fortemente o uso de práticas tradicionais, com a pouca utilização de documentos históricos pelos professores, e ainda, sem possibilitar aos alunos suas próprias narrativas históricas, emanando assim de uma exclusão do educando do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, nos propusemos a propiciar aos alunos uma nova visão sobre a história, que rompe com o imaginário de que a história estuda só o passado, com ênfase em grandes acontecimentos, heróis ou datas.

Sendo assim, nossa proposta com a realização da oficina “Um diálogo sobre representatividade a partir da Exposição Negros e Negras Incríveis”, além de desmistificar uma concepção de história linear³, busca contribuir para uma nova perspectiva da história e da cultura afro-brasileira, que insere os negros e negras na história, não como sujeitos passivos, mas protagonistas.

O ensino de história pode ser visto como um caminho para a (re)construção de uma história formada por relações de superioridade e inferioridade baseada no critério de raça, principalmente reforçado em contexto pós-escravista. Entretanto, segundo Gillies (2017, p.121) “apesar da crítica à concepção de diferenças baseadas no critério biológico de raça, ele ainda orienta condutas ofensivas e nocivas aos ideais de respeito à diversidade e promoção da igualdade de direitos.” Contudo, apenas o reconhecimento da estrutura preconceituosa que nossa sociedade integra, não se faz pertinente, mas sim, ações que contribuam para a formação de uma consciência histórica crítica que proporcione o rompimento dos estereótipos, o reconhecimento das diferenças históricas, e a valorização da cultura desses grupos sociais.

De acordo com essa perspectiva, atribuímos a importância da oficina realizada pelos extensionistas do NEER, corroborando com a prática da lei 10639/2003 que age na inclusão das questões raciais como parte do currículo educacional. A proposta metodológica utilizada vai ao encontro com a concepção da Barca (2012), a qual salienta

³“Uma racionalidade histórica linear, ou seja, eurocêntrico, factual, heroico e cronológico, pautado na memorização, na realização de exercícios de fixação e no direcionamento dos livros didáticos” (PARANÁ, 2008, p.42).

que é na relação entre epistemologia e prática investigativa que a educação histórica ganha sentido e se afasta da especulação. A metodologia de aula-oficina, assim como qualquer outra, necessita de planejamento, mas é na sua aplicação que ela assume uma forma diferenciada do modelo tradicional, pois a maior parte do processo é voltado no aluno e não centrada ao professor. Para Paviani e Fontana:

[...] a oficina pedagógica atende, basicamente, a duas finalidades: (a) articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e b) vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78).

É nesse sentido que a oficina foi pensada, de forma com que os alunos pudessem através dos conceitos apresentados inicialmente pelo extensionistas e conhecimentos prévios, imaginação e criatividade, construir narrativas para os personagens. Além de narrativas, o objetivo se dá na construção de uma história diferente do que até então lhes cercava o imaginário sobre o negro, que rodeava a percepção da imagem do negro escravo, empregado, ladrão, sempre com estereótipos depreciativos. Os alunos tinham em suas mãos a oportunidade de tornar esses personagens como protagonistas da história, que foram apagados dos livros didáticos a até muitas vezes embranquecidos.

Para a construção da oficina utilizamos do conceito de Jorn Rüsen (2009, p. 168) sobre consciência histórica para o qual “a especificidade da consciência histórica repousa no fato de que a perspectiva temporal – na qual o passado está relacionado com o presente e através do presente com o futuro – é desenhada de modo mais elaborado e complexo”.

A utilização da oficina é uma forma para que os alunos através das tensões entre passado e presente construam um relacionamento histórico, eliminando um pensamento de que passado e presente estão separados. De fato, a aprendizagem histórica está articulada nas formas de como a experiência passada é vivida e interpretada de um modo que propicie uma determinada compreensão do presente.

Nosso objetivo com a realização dessa oficina foi justamente apresentar aos alunos do 7º e 8º ano, uma nova perspectiva da história afro brasileira, construindo juntamente com eles narrativas sobre a representatividade negra dentro da história, em que muitas vezes não são trazidos nos livros didáticos, nem problematizados pelos professores e, portanto, não são conhecidos pelos alunos.

Dialogando sobre a representatividade afro

Foram realizadas as oficinas com o 7º B, C e 8º A. Para cada oficina foram necessárias duas aulas, pois no decorrer da mesma foram surgindo muitas discussões o que tornou a experiência muito mais construtiva. No que tange o procedimento da aula oficina ela é dividida em quatro momentos: Sondagem prévia do conhecimento dos alunos sobre as questões étnicas raciais; Conceitualização de alguns termos como etnocentrismo, eurocentrismo, racismo; Produção de narrativas para os personagens históricos realizadas em duplas pelos alunos; Leitura das narrativas produzidas pelos alunos e leitura da biografia oficial de cada personagem histórico.

Na primeira e segunda parte da aula-oficina composta pela sondagem do conteúdo e conceitualização, utilizamos de um mapeamento com a turma, sobre as principais personagens históricas que eles estudaram até o presente momento. A partir dos nomes citados pelos alunos, fomos escrevendo no quadro um a um, como: Tiradentes; Hitler; Mussolini; Bolsonaro; Lula; Coronel Emilio Gomes, Lampião, Papa João Paulo II, entre outros. Após essa primeira etapa indagamos a turma qual característica comum possuía em todos os personagens citados? Em todas as turmas os alunos inicialmente responderam coisas, como: “todos fizeram algo importante na história”; “todos são homens”; “todos eram ricos”; “todos eram famosos”. Essas foram as respostas iniciais, até alguém responder que “todos são brancos”. No entanto, no 7º B, um dos personagens citados foi Machado de Assis, personagem este visto pelos alunos também como branco. Pudemos então, discutir sobre o conceito de embranquecimento de alguns personagens históricos, assim como acontece com a representação de Machado de Assis, como foi discutido anteriormente no texto.

Algumas das outras indagações que pudemos levantar a partir do mapeamento realizado é se a história foi construída somente por brancos? E em que lugar na história os negros e negras são representados? Qual a influência dessa história eurocêntrica na construção de um imaginário social contemporâneo?

Através das respostas dos alunos pudemos perceber a permanência de discursos que atrelam a imagem dos negros a escravidão, pensando sempre esses sujeitos a partir da condição de escravo, excluindo o restante da história que antecede e sucede a esse acontecimento. Com isso, foi possível um debate sobre a representação dos negros nos materiais utilizados por eles durante as aulas, refletindo assim em como o material

didático usado pelo professor muitas vezes reforça visões estereotipadas sobre o negro na sociedade.

Desconstruindo essa visão estigmatizada que muitas vezes é criado pelos livros didáticos sobre os negros, optamos pelo uso de ilustrações na aula-oficina como forma de mostrar uma nova perspectiva aos alunos sobre esse grupo. Possibilitando-os pensarem a história desses personagens históricos por um outro viés, visando a representatividade deles na história, como sujeitos ativos e protagonistas em suas histórias.

As imagens utilizadas na oficina contam com ilustrações dos personagens históricos como: Conceição Evaristo, Sonia Guimarães, Antonieta de Barros, Machado de Assis, Adão Ventura; Ruth de Souza; Carolina Maria de Jesus; João Timótheo; Maria Beatriz do Nascimento; Chimamanda Ngozi Adichie; Mae Jemison; Patricia Era Bath; Cruz e Sousa; Maya Angelou e Joel Rufino dos Santos.

A terceira parte da oficina foi composta pela produção de narrativas históricas por parte dos alunos. Inicialmente se dividiram em duplas, pois um dos objetivos da oficina foi também permitir que construíssem juntos uma narrativa, dialogando entre si, com uma troca de criatividade e imaginação. Essa foi a fase em que os estudantes tiveram em suas mãos a possibilidade de darem a esses sujeitos, que por muito tempo foram marginalizados em nossa sociedade, uma nova história. A partir da pergunta “Que nova narrativa você quer dar a esses sujeitos?”, eles tiveram em média 40 minutos para produzirem seus textos.

Após a produção dessas narrativas chegamos a última fase da oficina, momento esse que formamos um círculo para que cada dupla lesse sua narrativa, após este momento, foi realizada a leitura da biografia daquele personagem. Aqui buscamos despertar aos alunos uma consciência que a história negra não se resume a escravidão, e que tais sujeitos foram poetas, políticos, físicos, astronautas, médicos, artistas, escritores, e, para além de suas profissões, foram homens e mulheres que fizeram história.

Resultados obtidos

A partir dos materiais produzidos pelos estudantes na oficina, pretendemos explicar e analisar algumas das narrativas produzidas, de modo a observar se a oficina atingiu seus objetivos e como o protagonismo africano e afrodescendente foi compreendido.

Um dos elementos comumente ressaltados pelos discentes na trajetória histórica da população afrodescendente envolve a escravidão. As concepções acerca da passividade dos sujeitos escravizados, que por muito tempo perdurou na sociedade e na própria historiografia, vem sendo rompida, na medida em que as múltiplas ações da população negra dentro de um contexto escravista, ou no pós-abolição foram marcadas por táticas de resistência a um sistema dominante. Podemos observar essa percepção a partir da narrativa abaixo produzida por duas estudantes do 7º B.

Era uma vez uma menina que nasceu dentro de um quilombo, onde seus pais lutavam e resistiam ao sistema escravista, após muitos anos seus pais conseguiram a “liberdade” então Ruth alcançou seu objetivo de conseguir ser a primeira dama negra do teatro. (R e C 2018).

A identificação das alunas acerca das resistências dentro dos Quilombos, marca a força das organizações coletivas, que são consideradas as mais marcantes ações de aversão ao regime escravista. De acordo com Diniz e Borghi (2010) durante toda a existência do regime escravista, os escravizados lutaram, organizando-se de diferentes modos, com os Quilombos, as insurreições e as guerrilhas. Podemos assim dizer então que a compreensão pelos alunos da não passividade dos negros, o reconhecimento de sua luta, e até mesmo a condição desse grupo após a “liberdade”, remetem-nos as marcas da possibilidade de uma formação de uma consciência histórica já nos anos iniciais do ensino fundamental.

Na produção das narrativas, cada dupla possuía autonomia para escolher a forma de expressão, estimulamos a usarem e abusarem da imaginação e criatividade, pois acreditamos que as formas de conhecimento são muito amplas, e nos limitarmos aos métodos tradicionais limitaria também as produções. Poetizando a atividade proposta, encontramos a seguinte narrativa:

Era muito preconceito escutado
Queria ter um poema traçado
Em minhas mãos sem ser rejeitado
Eu era tão pequeno, queria estudar
Para a vida ganhar
Eu sozinho e todos a rejeitar
Cresci e a vida fui ganhar
Ganhei a vida sendo um poeta negro
E agora quem vai reclamar
Vesti a camisa de um poeta negro
Sem reclamar (F e P, 2018).

Promover a autonomia face ao conhecimento, é uma das experiências retiradas da aula oficina, contribuindo no desenvolvimento do pensamento crítico e nas possibilidades de os alunos expressarem suas emoções. Nesse sentido, a possibilidade de os estudantes elaborarem o seu aprendizado a partir de narrativas poéticas tem a potencialidade de aprimorar o entendimento, o envolvimento e a criticidade frente a temática que está sendo proposta, de modo a facilitar, inclusive, o aprimoramento de uma consciência histórica mais crítica.

Na narrativa apresentada abaixo, contamos com várias reflexões traçadas por duas alunas do 8ºA. As discussões perpassam as questões apenas raciais, mas são pensadas também em termos de gênero que enriquece a narrativa. Além de trazer o preconceito sofrido pelos negros, as alunas trazem a questão do quanto as mulheres negras sofriam e ainda sofrem com os padrões de beleza estabelecidos na sociedade. O que ocorre muitas vezes no campo estético assim como nos aponta De Novais Carneiro e Ferreira (2014) é a complexa relação entre o racismo e as representações excludentes nas mídias, nos quais se afirma que um “perfil” considerado bonito é o da mulher branca, nariz fino e cabelo liso, o que acaba resultando num ideal de beleza que não corresponde à realidade das mulheres negras.

A MINHA VOZ ECOA VERSOS PERPLEXOS

Essa frase quer dizer que no passado e ainda nos dias atuais, a voz do negro ainda é utilizadas para conscientizar as pessoas sobre a importância dos direitos iguais para todos os cidadãos independente do seu gênero, orientação sexual e principalmente a sua cor. Pela imagem podemos observar que ela foi uma mulher negra, com cabelos crespos, que naquela época não era considerado padrões de beleza, e mesmo assim, com tantos anos que se passaram, as coisas não evoluíram, como por exemplo, podemos citar as novelas e filmes em que os negros atuam como empregados domésticos, bandidos, com baixa classe econômica. Nós acreditamos que ela foi uma mulher que lutava pelo fim da desigualdade, ela sendo mulher lutava também pelo feminismo, igualdade entre os gêneros e também pela igualdade racial. Hoje em dia as mulheres negras ainda lutam para conquistar seu espaço na sociedade. O Brasil é o país que tem mais diversidade social, sendo assim um dos países mais preconceituosos. Temos que entender que independente de nossas diferenças somos todos seres humanos e temos os mesmos direitos (B e R, 2018).

Além da discussão dos padrões de beleza empreendido na narrativa, pudemos perceber ainda no que tange o campo midiático, o reforço dos estereótipos referente a

figura do negro sendo representados nas novelas e filmes em grande parte na imagem de empregados, ladrões, pobres, e a falta de representatividade nos papéis principais corroboram para a manutenção de um imaginário que sempre vê o negro como subalterno. Há sim uma falta de representatividade negra na mídia, isso se confirma com os resultados da pesquisa raça e gênero nas novelas dos últimos 20 anos, que em seus resultados apresentados, foi constatado por Campos, Cândido e Feres Júnior (2018) que as novelas globais possuem 90% de personagens representados por atores/atrizes brancos e apenas 10% por negros ou pardos. Essa mostra está muito longe de representar a contexto nacional, na medida em que, a população negra é maior que a população branca.

No que consiste o debate de oportunidades da população negra seja no trabalho ou ao acesso à educação, percebe-se ainda que esse é um dos assuntos que respalda muita atenção, quando ainda nos deparamos com discursos que equiparam oportunidades. É nesse contexto que a educação histórica se faz fundamental para marcar o quanto nossas relações sociais, econômicas, culturais, advém de um processo histórico.

Olá meu nome é Maya Angelou, vivo em uma sociedade muito racista, onde brancos tem preferência em empregos, bolsas escolares, entre outros. Sou uma menina muito sofrida, nos tempos escolares faziam várias piadas a meu respeito, como preta feia, ladrona, cabelo feio, etc. Apesar disso eu era uma menina muito inteligente, não tinha amigos, ninguém falava comigo se não fosse pra fazer piadas, com o passar dos tempos virei uma advogada de sucesso, muito respeitada pela sociedade. E uma frase que eu digo sempre “de um passado entrelaçado ao sofrimento, eu me levanto (C e S, 2017).

O despertar de uma consciência crítica, como apresentada na narrativa acima, marca a aula oficina. O reconhecimento das diferenças se faz importante na medida que essas disparidades regem nossa vida social. Portanto, nossa aula oficina, propiciou um intenso debate acerca dessas distinções na construção da história de cada indivíduo, compreendendo que a posição de cada grupo é sim influenciada pela sua trajetória histórica.

Considerações finais

A partir da experiência da oficina com as obras de “Negros e Negras Incríveis”, pudemos observar que os objetivos de trabalhar a história a partir de um viés não

etnocêntrico que combate o racismo foram atingidos, principalmente ao possibilitar aos estudantes a elaboração de uma concepção de história em que o negro africano e afrodescendente sejam protagonistas, com uma postura ativa e quebrando com a visão de passividade por parte de tais sujeitos históricos. Com a atividade proposta, sujeitos históricos que tinham a sua história subsumida, marginalizada, ou até escondida, ganharam destaque, de modo a ampliar o horizonte do fazer histórico dos estudantes que participaram da oficina.

É importante destacar que a proposta de incentivo a outras formas de narrativas no decorrer da oficina, para além de estimular a criatividade por parte dos estudantes, também possibilitou uma visão maior acerca das formas que a história pode ser entendida e trabalhada na sala de aula, sem perder a sua cientificidade, mas estimulando as diferentes habilidades e interesses de uma turma diversificada de 7º e 8º ano do ensino fundamental.

No entanto, o mais fundamental dentro deste processo foi possibilitar aos estudantes a formação de uma consciência histórica, em que o passado vivido pela população de origem africana foi visto como parte integrante e fundamental das atuais condições de vida dos afro-brasileiros. Isso pode ser observado a partir do momento que os estudantes conseguiram elaborar problematizações que envolve a mulher negra no Brasil contemporâneo, além da relação com questões de padronização estética que valorizam a beleza a partir do branco, deixando a estética afro marginalizada, mas que por outro lado, tal estética pode ser vista como uma forma de resistência.

Com a gestão de uma consciência histórica, mais do que elaborar uma visão de história em que o passado e o presente aparecem ligados, esta mesma concepção possibilita gestar uma perspectiva de futuro que seja mais justo, igualitário e diversificado, principalmente ao questionar o etnocentrismo e o racismo em nossa sociedade.

Referências

- AMIN, Samir. **Eurocentrismo**: crítica de uma ideologia. Lisboa: Dinossauro, 1994.
- BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **Revista História**. Goiânia, v. 17, n. 1, 2012, p. 37-51.
- CAMPOS, Paulo F. de S. Ensino, a história e a lei 10.639. **História & Ensino**. Londrina, v. 10, p. 41-52, out. 2004.

CAMPOS, Luís Gustavo; CÂNDIDO, Márcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. A raça e o gênero nas novelas dos últimos 20 anos. **Gemma** (online), 2018, s/p. Disponível em: <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/> Acesso em: 23/05/2019.

DE NOVAIS CARNEIRO, Anni; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Padrões de beleza, raça e classe: representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador-BA. In: **18º Redor, Perspectivas feministas de Gênero: desafios no campo da militância e das práticas**. Recife-PE, 2014, p. 1424-1438.

DINIZ, Larissa Mattos; BORGHI, Eduardo Baroni. A População Negra em Londrina: uma Luta por Reconhecimento. **XIV Encontro Regional da ANPUH Rio: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2010.

GILLIES, Ana Maria Rufino. O conceito de cultura e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e indígena. In: GERMINARI, Geysa Dongley; GILLIES, Ana Maria Rufino (orgs.). **Ensino de história e debates contemporâneos**. Guarapuava: Unicentro, 2017, p. 113-136.

NOSELLA, Maria de Lourdes. **As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. Moraes, 1991.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica história**. 2008.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação**. Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p.77-88, 2009.

ROSEMBERG, F. BAZILLI C. e SILVA P. Racismo em livros didáticos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, jan./jun. 2003, p. 125-146.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**. N.2, p.163-209, 2009.

Recebido em: 23 abril de 2019.

Aprovado em: 20 de junho de 2019.